

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**DAIANNE MELO DE SANTANA**

**ENTRE RAMOS E CARTAS:**

**A benzeção e a cartomancia como ofício, um estudo de caso**

**João Pessoa - PB**

**2020**

DAIANNE MELO DE SANTANA

ENTRE RAMOS E CARTAS:

A benzeção e a cartomancia como ofício, um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal da Paraíba como parte  
dos requisitos necessários para a obtenção da  
Licenciatura Plena em Ciências das Religiões,  
sob a orientação da Professora Dra. Dilaine  
Soares Sampaio.

João Pessoa - PB

2020

Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

S232e Santana, Daianne Melo de.

ENTRE RAMOS E CARTAS : a benzeção e a cartomancia como  
ofício, um estudo de caso / Daianne Melo de Santana. -  
João Pessoa, 2020.  
35 f.

Orientação: Dilaine Soares Sampaio.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Benzedeira. 2. Cartomante - Baralho cigano. 3.  
Religião popular. I. Sampaio, Dilaine Soares. II.  
Título.

UFPB/BC

DAIANNE MELO DE SANTANA

**ENTRE RAMOS E CARTAS:**

**A benzeção e a cartomancia como ofício, um estudo de caso**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao

Aprovado em: 03 de março de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre (UFPB)

---

Ms. Tiago Alves Callou (membro externo)

---

Dilaine Soares Sampaio - UFPB (orientadora)

*Dedico esse trabalho a minha filha,  
motivo que me fez entrar nesse curso e lutar pelos  
meus sonhos. Gratidão Isla Cybelle, a você todo  
meu amor e carinho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata primeiramente a Mãe Terra, como mulher e como deusa que me ajuda e dá forças para trilhar esse lindo caminho que escolhi seguir.

Em especial meu agradecimento vai para Lucia Cristina, pois sem ela esse trabalho não seria possível. Agradeço por todas as vezes que me recebeu com carinho em sua residência, mesmo em dias que estava muito atarefada.

Agradeço de todo coração a Vitor Ariel e Luciana Elisabeth, que foram amigos e companheiros, nos momentos bons e ruins que vivi enquanto pessoa e estudante ao longo desse curso, e que me apoiaram em todas as minhas crises. Também agradeço aos meus colegas de turma (Joyce, Katarine e Manoel) que sempre tiveram paciência e compreensão com meu jeito reservado.

A Edvaldo sou muita agradecida por fazer parte da minha vida, por acreditar em mim e ser sempre tão companheiro mesmo de longe. Quero registrar aqui, que nossas conversas e discursões foram muito importantes para compor essa pessoa que sou hoje. Obrigada por tudo que me proporcionou e por investir na minha biblioteca pessoal.

Gratidão a Danilo Santana, futuro psicólogo, meu irmão ao qual nutro profunda admiração pela forma que me corrigi me deixando sempre desorientada e pela forma como lida com os problemas da vida. Seu olhar niilista se confunde com uma busca por sentido que só Victor Frankl entende. Obrigada por ler meu trabalho e fazer as devidas correções.

Gratidão a minha professora e orientadora Dilaine Sampaio que me ajudou na produção desse trabalho e foi paciente com minha inexperiência e ansiedade na produção desse texto.

Para além, agradeço a todos os meus professores do curso de Ciências das Religiões e em especial a professora Doutora e coordenadora do curso Ana Paula Cavalcanti, que corrigiu meu projeto e se mostrou sempre solícita ao tirar minhas dúvidas e auxiliar com as questões burocráticas para a produção desse trabalho.

Por fim a todos os que me apoiaram de alguma forma, na construção desse trabalho. Muito obrigada a todos que acreditaram em mim, em especial aos amigos que fiz aqui nessa universidade.

*“No início as pessoas oravam para a criadora da vida.  
No alvorecer da religião Deus era mulher.”*

*Merlin Stone*

## RESUMO

Nesse estudo de caso, apresentarei o trabalho social da benzedeira Lucia, que também exerce a função de cartomante trabalhando com o Baralho Cigano, abrangendo todo o Vale do Mamanguape. Discorrerei como ela sobrevive ao preconceito de seus familiares, devido ao fato de pertencer a uma família cristã fundamentalista e ser a única da família a exercer esta função, além de sua tarefa laboriosa, que para ela é sua missão de vida. Lucia é uma mulher branca de olhos claros e é autodidata, ou seja, tudo que sabe sobre benzeção e cartomancia aprendeu sozinha. A necessidade financeira a fez começar a abrir cartas para as pessoas que a procuravam, e a responsabilidade do seu conhecimento sobre rezas não a deixou se eximir da prática da cura através da benzeção. Para demonstrar o quanto esta prática é viva, reservei um capítulo do presente trabalho para descrever a busca diária que fazem à casa de Lucia diversas pessoas, para que ela as possa benzer, e da procura que existe para que abra as cartas. Porém o nosso foco foi apresentar sua prática, ou ofício, como escolhemos chamar, das atividades que a Lucia desempenha há mais de vinte anos. A perspectiva teórico-metodológica que orientou este trabalho é a etnográfica, no âmbito das Ciências das Religiões, particularmente da subárea Ciências Empíricas da Religião.

**Palavras-chave:** Benzedeira; Cartomante; Baralho Cigano; Religião Popular.

## ABSTRACT

In this case study, it will be presented the social work of the healer Lucia, which also exercises the functions of fortune teller working with the Gypsy Deck, in all the area of the Vale do Mamanguape. We will discourse how she survives the prejudice of her family, since she belongs to a fundamentalist Cristian family and is the only one in the family that exercises this function, besides her laborious task, that she considers her purpose in life. Lucia is a white woman with clear eyes and is self-taught, everything that she knows about healing and fortune telling she learned herself. Financial needs made her open to draw the cards for the people that searched her, and the responsibility about her knowledge on prayer did not allow her to excuse herself from healing through prayer. To show how alive is this practice, I reserved a chapter of the current work to describe the daily search that people make to Lucia to be blessed or to have the cards read to them. However, our focus was to present her practice or craft, as we choose to call it, that Lucia has been performing for over 20 years. The theoretical and methodological perspective of this paper is the ethnographic, in the field of Sciences of Religion, particularly in the subarea of Empiric Sciences of Religion.

**Keywords:** Healer; Fortune Teller; Gypsy Deck; Popular Religion.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. A BENZEÇÃO E A CARTOMANCIA: UMA DAS FACES DA RELIGIOSIDADE POPULAR.....</b>	<b>14</b>
1.1.A prática da benzeção: surgimento e sobrevivência.....	14
1.2. A leitura de cartas: do jogo à busca por resposta.....	15
<b>2. TRAJETÓRIA DE LUCIA CRISTINA: PRECONCEITOS E VIVÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>
2.1. Quem é Lúcia?.....	18
2.2. A descoberta do seu dom e o caminho percorrido.....	19
2.3. Sua vida, família e atividade na comunidade.....	20
<b>3. LUCIA, SUA PRÁTICA E OFÍCIO.....</b>	<b>23</b>
3.1. Na benzeção.....	23
3.2. Na cartomancia.....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Ao ingressar o curso de Ciências das Religiões, percebi que estava no ambiente certo e que havia me encontrado como ser humano. Não foi o primeiro curso que iniciei, mas sabia que o iria concluir, pois há tempos havia despertado em mim o interesse pelas diversas formas de se buscar o sagrado.

Tive interesse em abordar diversas temáticas trabalhadas pelas disciplinas no decorrer do curso, no entanto optei por algo que fizesse parte da minha realidade, por sentir a necessidade de estudar algo que realmente tivesse conexão. Ao escolher falar da história de Lucia, busco apresentar também um pouco da história de cada ser humano, de cada mulher, de cada mãe. Não trazemos aqui apenas as “crendices” do povo, até porque nas Ciências das Religiões aprendemos a não desqualificar a crença do outro, mas apresentamos a nossa fé cotidiana, as coisas que buscamos sem muitas vezes entender a “ciência” que está por detrás.

Nesse estudo de caso trabalhamos com uma benzedeira que também é cartomante e descrevemos sua história, expondo fatos importantes de sua vida, mostrando sua prática e o papel que ela desempenha para toda comunidade. Buscamos relatar também o alcance de suas atividades na cidade de Mamanguape, situada próximo a capital paraibana, onde ela atende em sua casa, no bairro do Planalto, embora seu trabalho se estenda a outros bairros, cidades e até estados vizinhos. Discorreremos como é possível, mesmo com as divergências religiosas da família, a espiritualidade da benzedeira e cartomante Lúcia conseguir sobreviver por mais de duas décadas sem ser abafada.

Conheço Lucia há mais de dez anos por ela morar na mesma rua de meus pais. Minha mãe é uma das pessoas que eventualmente procura seus serviços de benzedeira, inclusive já levou minha filha para ser rezada lá, por mais de uma vez. Quando mais novos, eu e meus irmãos fomos benzidos, o que também nos deu uma vivência desta prática.

Embora a benzeção seja uma prática muito antiga, continua existindo e ainda se mantém atualizada. A escolha deste tema deu-se primeiramente pelo desejo de trabalhar com algo que envolvesse o fenômeno místico, porém que fosse contemporâneo e fizesse parte do meu dia a dia. O interesse em conhecer e entender melhor essas práticas também me auxiliaram nesta decisão, já que sempre nutri profundo interesse pelo escopo do trabalho com rezas, ervas e cartas.

No que se refere a relevância da pesquisa, as benzedeadas, por realizarem os saberes da religião popular que já não são mais acessíveis a qualquer um, tornam-se pessoas requisitadas

para promoção da cura, principalmente nas populações de periferia. E as cartomantes servem como canal de revelação, aquela que interpreta o que as lâminas das cartas trazem para ajudar as pessoas na tomada de decisões.

O caráter social desse trabalho esclarece a população sobre a historicidade e vivência dessa prática e é um retorno que dou a comunidade na qual fui criada. Para o meio acadêmico, trazemos um olhar sobre como essas práticas afetam a coletividade, mostrando o quanto a “religião popular” está viva e enraizada nas comunidades de grandes ou pequenos centros.

Esse estudo servirá de apoio a quem queira conhecer melhor as práticas da benzeção ou da cartomancia, oferecendo também a percepção de que tanto um ofício, quanto o outro, podem ser praticados pela mesma pessoa e que essa pessoa pode inclusive se apossar de outras práticas ou ao longo da caminhada, parar de praticar uma ou todas elas.

No que diz respeito a religião popular e a vivência de Lucia no meio de uma família evangélica, vemos em Brandão (2007, p. 472) que “[...] a religião popular não só resiste ao pleno controle erudito sobre a religião, criando e reinventando seus modos próprios de saber e trabalho, como também resiste ao pleno controle político e cultural através da religião”. Uso “religião popular” ao invés de “religiosidade popular” porque, assim como Brandão (2007), acredito que essas crenças devam ser colocadas como a prática efetiva desses fiéis.

Ressaltamos a importância de contar a história de vida dessa benzedeira e cartomante, pois no levantamento bibliográfico foi observado o quanto essa prática ainda vive em toda parte do país em maior ou menor escala, principalmente nas regiões de interior e/ou cidades pequenas.

Quanto aos objetivos da pesquisa, tivemos o objetivo geral de compreender as experiências pessoais, religiosas, sociais e culturais e a trajetória de vida de uma benzedeira e cartomante, em sua promoção da saúde física e mental de uma comunidade interiorana. Como objetivos específicos, buscamos apresentar a prática da benzeção e da cartomancia como formas alternativas para obter respostas para saúde e vida; trazer a trajetória de Lucia, mostrando um pouco de sua história de vida e de sua família e por fim apresentar sua atividade na comunidade a partir de sua prática, mostrando seu ofício na benzeção e na cartomancia.

A perspectiva teórico-metodológica que orienta a pesquisa é a etnográfica, compreendendo etnografia tal qual defende Marisa Peirano (2014), não apenas como método, mas também como aporte teórico. No âmbito das Ciências das Religiões, particularmente na subárea Ciências Empíricas da Religião, é que travo este diálogo com a Antropologia.

Trata-se de um estudo de caso, em que utilizamos a observação participante, através de seis visitas que realizamos à residência de Lucia. As entrevistas foram realizadas entre os

meses de abril a setembro de 2019. Pude, dessa forma, acompanhar duas leituras de cartas e três benzeções. Além disso, utilizamos o diário de campo e o celular na função de gravador para registro da entrevista realizada. Como instrumento, usamos um roteiro de entrevista semiestruturado, construído especificamente para esta investigação, essa entrevista foi realizada em quatro das seis visitas que fizemos.

Previamente, buscou-se leituras que nos dessem suporte para ir a campo e assim poder entender o que coletaríamos de informações. Após a coleta desses dados, transcrevemos toda a entrevista buscando manter a linguagem natural na qual a conversa aconteceu. A realização da entrevista com a benzedeira e cartomante Lucia Cristina foi de extrema importância para compreendermos sobre sua atividade e, a partir dos dados levantados, fazer uma análise de caráter qualitativo e um estudo descritivo e exploratório. Por conhecer Lucia há alguns anos, a proposta de fazer um trabalho com ela foi aceita de imediato e nas entrevistas a conversa fluía sempre muito bem e de forma espontânea. E foi esta aproximação com a entrevistada que facilitou o acesso a sua casa. Optei por utilizar seu nome verdadeiro, já que ela o permitiu ao assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

No que tange a estruturação do trabalho, no primeiro capítulo procuramos descrever de forma sintética sobre a prática da benzeção e da cartomancia no decorrer da história: como e quando surgiu e como está sendo sua procura atualmente. Observamos que no caso da benzeção essa prática é passada de forma oral de geração para a geração, ou de forma iniciática, e vem sobrevivendo principalmente nos bairros periféricos (Cf. PEREIRA; GOMES, 2018). Na cidade de Mamanguape alguns bairros eventualmente ficam sem assistência médica por meses nos PSFs (Posto de Saúde da Família), daí a importância das benzedeiras para ajudar no processo de cura e enfrentamento de doenças.

No caso do Baralho Cigano discutiremos brevemente acerca do seu surgimento como baralho até se tornar oráculo. E falaremos da sua história e dos lugares onde supostamente se deu sua “origem”. No Brasil, por exemplo, sofreu forte influência da cultura francesa:

a cartomancia que herdamos não poderia deixar de ser francesa. [...] certamente, este tipo de adivinhação muitas vezes foi usado como mero jogo de salão [...] como uma maneira de recreação, mas as pessoas mais intuitivas e dotadas de clarividência, ou como queiram, mediunidade latente, podem se utilizar deste método para efetivamente dar vazão às suas visões e premonições derivadas de um estado alterado da consciência (LIMA, 1990, p. 13).

No segundo capítulo descrevemos a história da entrevistada, suas raízes, local de nascimento, início da sua prática e como ela continua trabalhando na benzeção e na leitura de cartas atualmente, mesmo sem o apoio de sua família evangélica.

O terceiro e último capítulo, procuramos mostrar a frequência com que procuram e como acontece a prática da benzeção e da cartomancia na sua casa, descrevendo o que vimos, vivemos, observamos e ouvimos no seu lar, lugar mais que sagrado para Lucia.

Como resultado, esperamos demonstrar que o ofício da benzedeira Lucia tem sido importante para promoção da saúde da comunidade e que a busca por respostas, para questões pessoais, na mística do baralho cigano tem uma grande procura devido ao prestígio que seu ofício vem apresentando ao longo dos anos.

## 1. A BENZEÇÃO E A CARTOMANCIA: UMA DAS FACES DA RELIGIOSIDADE POPULAR

### 1.1 A prática da benzeção: surgimento e sobrevivência

Desde o período colonial temos relatos de benzedeiras aqui no Brasil, num momento onde já havia diversas crenças e formas de culto que viriam a constituir a sociedade brasileira, lá estavam elas, realizando seus ensalmos e curando. Bezerra fala que esse período “foi pródigo nas atividades da benzeção” e cita Luis Mott para confirma que essa prática se entrelaça a muito com nossa história:

molgrado a preocupação da inquisição e da própria legislação real, proibindo a prática das feitiçarias e superstições no Brasil antigo, em toda rua, povoado, bairro rural ou freguesia, lá estavam as rezadeiras, benzedeiras e adivinhos, prestando tão valorizados serviços à vizinhança. (BEZERRA, 2005, p. 97).

A benzedeira atua de forma autônoma em relação a uma religião, mesmo quando praticante de uma. “De maneira semelhante a magia, a eficácia da benzedura é simbólica e repousa sobre a crença. As operações mentais requeridas pela benzedura estão mais próximas da magia do que da religião, ainda que contenha elementos da última” (MIWA, 2014, p. 80).

Embora no nosso imaginário ao tratarmos de benzeção venha a nossa cabeça a ideia de ser uma prática feminina, essas não são as únicas a exercerem tal função. Aqui como trataremos de um estudo de caso, falaremos da prática de benzedura de uma mulher, mas nas leituras que realizamos observamos que muitos homens também realizam esse ofício, principalmente nos estados do Sul do país.

Segundo Miwa (2014), a benzeção remete à veneração de forças transcendentais que vem dos santos, de natureza religiosa ou sobrenaturais que são os dons e as naturais que provêm dos ramos e plantas.

Na obra *Assim se benze Em Minas Gerais* vimos na introdução feita por Faustino Teixeira que “No caso brasileiro, percebe-se a presença viva do elemento feminino. São muitas mulheres conjugando o verbo da benzeção, demarcando um espaço garantido e especial, de presença e força numa sociedade ainda machista e excludente” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 12).

Mas afinal, o que é benzeção? “é uma linguagem orogestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa

do homem. Benzer é garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 24). Assim, pode-se entender que ser benzeadeira é assumir o poder da palavra e através dele ser intermediário ou mediador da cura. Contudo, outras benzeadeiras cobram por seu trabalho, muitas das vezes por uma questão de sobrevivência. Ao perguntar a Lucia se ela cobra por sua reza ela responde: “Deus me livre deu cobrar”.

De acordo com Pereira e Gomes (2018, p. 24) “As benzeções são a prova da luta do homem contra suas próprias limitações. Recolher esses ensalmos é um primeiro passo, tão somente; tentar entendê-los é usar o atributo da reflexão para decifração parcial de nós mesmos”.

Sobre a forma de Benzer, Pereira e Gomes (2018) nos esclarecem que na benzeção existe três fatores essenciais: o benzedor, o benzido e a palavra que cura. Essa tríade forma o ensalmo. Afirmam ainda que “A benzeção é uma fala ao inconsciente coletivo, de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. [...] A benzeção além de ser a oração do outro é o rito mágico e eficaz, comprovadamente curador” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 31).

Falar de benzeção é falar das crenças populares, das práticas realizadas pelas pessoas da periferia e da cultura própria que esses lugares têm. Brandão no livro *Os Deuses do Povo* coloca de forma simples e clara como acontece a relação religião e cultura popular:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais que em outros setores de produção de modos sociais da vida e de seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (BRANDÃO, 2007, p. 19).

Para explicar melhor o papel que a religião popular possui nas comunidades, e mostrar a dicotomia entre religião popular e religião erudita, a primeira como algo libertador para o povo e a segunda como algo para aprisionar, vemos em Brandão que “a religião popular não só resiste ao pleno controle erudito sobre a religião popular, criando e reinventando seus modos próprios de saber e trabalho, como também resiste ao pleno controle político e cultural através da religião” (BRANDÃO, 2007, p.472).

Em seguida trataremos da outra prática que integra o ofício de Lucia, a leitura de cartas, onde apresentamos seu surgimento e chegada no Brasil.

## 1.2 A leitura de cartas: do jogo à busca por resposta

*“As cartas de jogar remontam à Idade Média. Se sua origem é incerta, não é tanto por sua antiguidade, mas porque as cartas do baralho são encontradas entre todos os povos, em todos os lugares do globo; assim fica impossível apontar seu local de nascimento, e só no século XVIII, depois da perda ou destruição de diversos documentos de grande interesse para o esclarecimento da história do baralho, é que os eruditos tiveram sua atenção despertada pelas cartas. Por causa disto, os estudiosos da época foram levados a conclusões divergentes, e muitas vezes, contraditórias (LIMA, 1990, p.7).*

Ao discorrer sobre a história das cartas, Lima (1990) comenta que Boiteau d’Ambly acredita que as cartas vieram da Índia e que os nômades conhecidos popularmente por ciganos levaram as cartas para Europa, quando foram reinventadas. Traz ainda a teoria de que no ‘Tratado de Xadrez’ publicado em 1664, que as cartas numeradas surgiram na Alemanha no século XIV e de lá se expandiu para a França. As cartas como as conhecemos hoje não são de origem asiática. Em *Cartomancia: o futuro revelado* podemos observar que não se tem uma certeza do seu local de surgimento (LIMA, 1990).

Lima (1990) comenta a história de Alliette, mulher francesa do século XVIII, que desenvolveu um método para leitura de cartas e para ser reconhecida usava seu nome ao contrário, ficando conhecida como Etteilla. Ela estudou tarô, cartomancia e numerologia. No ano de 1783, publicou um livro com seu modelo de se trabalhar as cartas. Na França, ganhou muitos seguidores e seu método ganhou o mundo e é usado até os dias atuais inclusive no Brasil. Aqui a ascensão do baralho se deu no final dos anos 60 e início dos 70, no contexto da chamada contra-cultura, presente no movimento hippie (TAVARES, 1999).

O baralho cigano possui 36 cartas e seu método se distingue pela leitura das cartas tiradas. As tiragens acontecem de várias formas: por sete, por quinze ou por vinte e um. As cartas são embaralhadas e cortadas com a mão esquerda. As lâminas tiradas são interpretadas da direita para esquerda e na leitura se leva em conta os encontros e a vizinhança de cada carta. Essa forma de leitura é oposta a que Lucia faz, contudo Lima (1990, p.18) nos coloca que “qualquer que seja o método utilizado, admite-se que cada carta tem, por si só, significado preciso”.

No âmbito da obra *Cartomancia: o futuro revelado*, é possível ver que “[...] toda esta arte da cartomancia se desenvolveu na França, na época da revolução. [...] Não devemos esquecer que a cartomancia, na época, era vista também como jogo de salão, não importando o valor divinatório do método, mesmo que fosse real e efetivo” (LIMA, 1990, p. 38). O baralho



comum e o baralho cigano são referentes aos arcanos menores do tarô, sendo assim, ele não desenvolve seu trabalho com arquétipos ou outras questões de maior complexidade.

Para esclarecer, existe algumas diferenças entre o baralho cigano e o tarô, a primeira diz respeito a quantidade de cartas. Citei acima que o baralho cigano possui 36, o tarô tem 78 lâminas; o baralho cigano existe a pouco mais de dois séculos e o tarô remonta ao século XIV, e por fim, a interpretação do baralho cigano é mais direta, no tarô ela é mais complexa, extraída dos arcanos maiores e menores.

No texto *Tornando-se tarólogo*, Tavares (1999) traz a diferença entre tarólogos e cartomantes onde a primeira diz respeito a classe média urbana e a segunda as camadas populares. Sobre as tensões existentes entre tarólogos e cartomantes, o que se observa é que as cartomantes não podem oferecer os mesmos serviços quando pensamos na oferta de bens simbólicos. Com os cartomantes valorizam-se os encontros regulares com vistas a viabilizar um “tratamento” ao invés de consultas esporádicas.

O texto de Tavares (1999) faz duas críticas em relação a cartomante, a primeira é sobre o dom nato da cartomante em detrimento a própria dinâmica do ato de jogar que compreende o leitor, o consulente e as cartas. A segunda recai sobre a superficialidade dos temas abordados que enfatizariam as questões conjunturais em detrimento de uma preocupação mais abrangente dos problemas apresentados pelo consulente. “No jogo há uma legitimidade construída de forma ambígua e tensionada, ora enfatizando a dimensão psicologizante, ora a dimensão mágica ou ainda espiritual” (TAVARES, 1999, p. 121).

## 2. TRAJETÓRIA DE LUCIA CRISTINA: PRECONCEITOS E VIVÊNCIAS

### 2.1. Quem é Lúcia?

Lucia Cristina dos Santos nasceu em Mamanguape, no dia 03 de novembro de 1966, mas foi para o Rio de Janeiro quando contava apenas dois meses de idade. Veio visitar a Paraíba aos 13 anos e aos 15 veio em definitivo, indo morar no município de Mataraca, que fica localizado próximo a cidade de Mamanguape. Após 8 anos mudou-se em definitivo para Mamanguape.

Sua mãe é natural de Mamanguape e seu pai de Itapororoca, cidade vizinha. Ambos católicos, religião a qual Lucia segue até hoje, diferente de sua família que é quase toda evangélica, inclusive seu companheiro Jose Antônio com o qual convive há 37 anos. Em função dessa diferença de adesão religiosa, sua família não só critica suas práticas como tentam convencê-la a mudar sua religião, porém, ela acredita que se abandonar o seu ofício será castigada de alguma forma. Apesar disso, conta com orgulho que a mãe adorava o seu ofício de cartomante e que está sempre a presenteava com baralhos.

Com seu companheiro ela teve 3 filhos, Maria Aparecida, Keroly e Douglas, uma já falecida devido a várias complicações de saúde. Também acolheu seu enteado Davi. Maria Aparecida faleceu em 2015 de pneumonia, por complicações da Síndrome de Rett<sup>1</sup> e Síndrome de West<sup>2</sup>. Sua mãe morreu já há doze anos, em outubro de 2008, de um infarto fulminante e seu pai mora com ela pois foi diagnosticado com Parkinson<sup>3</sup>. Lucia cursou até a 8ª série, atualmente 9º ano do Ensino Fundamental II. Embora seu companheiro não ofereça impedimentos para sua prática, seus filhos mostram resistência e frequentemente demonstram o desejo de que ela abandone o ofício. Seu irmão evangélico também pede para que ela pare com essas práticas.

Quanto às críticas que recebe, Lucia afirma não se importar. Porém comentou que não coloca uma “escritura” em frente à sua casa porque alguns familiares ficariam muito ofendidos e em respeito a essas pessoas ela não o faz. Em suas palavras: “Eu tenho respeito, porque eu

---

<sup>1</sup> Desordem do desenvolvimento neurológico relativamente rara, que passou a ser reconhecida mundialmente no começo da década de 1980. (Disponível em [https://www.abrete.org.br/sindrome\\_rett.php](https://www.abrete.org.br/sindrome_rett.php). Acesso em 20 de março de 2020)

<sup>2</sup> Doença cerebral crônica causada por diversas etiologias e caracterizada pela recorrência de crises epiléticas não provocadas. Esta condição tem consequências neurológicas, cognitivas, psicológicas e sociais e prejudica diretamente a qualidade de vida do indivíduo afetado. (Disponível em <https://www.neurologica.com.br/blog/sindrome-de-west-sintomas-da-epilepsia-e-diagnostico-precocem-bebes/>. Acesso em 20 de março de 2020).

<sup>3</sup> Doença degenerativa do sistema nervoso central, crônica e progressiva. (Disponível em: <https://www.einstein.br/doencas-sintomas/parkinson>. Acesso em 20 de março de 2020).

acho que a gente tem que se dedicar, porque a gente sem a família, nós não somos nada, num é?. A gente às vezes acha que somos, mas não somos não. A gente não vive sem um ao outro não, sem ajuda ao próximo”. (24 de abril)

Na entrevista realizada, Lucia se mostrou sempre serena, ao rezar e abrir as cartas, muito disposta a falar sobre seu ofício e sempre muito acolhedora, embora inicialmente tenha se mostrado um pouco desconfiada a respeito de minhas intenções, o que é perfeitamente compreensível no trabalho de campo. Ao final da entrevista já se sentia confortável para me confidenciar determinados fatos. Uma história contada por ela que marcou foi do período ao qual ela começou suas leituras. Foi procurada por uma senhora que desejava saber acerca da fidelidade do marido e as cartas mostraram que ele era infiel. Diante da informação, a referida senhora enfrentou o marido que, prontamente negou e ainda a procurou para que ela desmentisse sua infidelidade. Lucia disse ao senhor que não havia falado nada, pois foram as cartas que fizeram a revelação. Com o passar dos anos, a senhora em questão, ao encontrar Lucia disse que as cartas estavam certas e que ele já tinha até uma criança com a amante.

Ao ser questionada sobre seu processo para ser reconhecida como benzedeira, Lucia contou como tudo começou. Ela via sua tia Severina<sup>4</sup> rezando e aprendeu como funcionava essa prática, porém, Lucia deixou claro que sua forma de benzer é totalmente diferente do modo como Severina costumava fazer. Quando aprendeu o ofício da benzeção, Lucia se limitava a benzer seus familiares, foi só quando começou a benzer amigos que sua fama se espalhou.

Lucia conta que tudo começou depois que rezou sua vizinha e amiga que estava com muita dor de dente e ela se ofereceu para rezá-la, mas ninguém poderia saber, o que não aconteceu. Segundo seu relato, a partir do dia seguinte começou a busca pelos seus serviços como benzedeira. Lucia ainda conta que houve dias onde ela não parava nem para fazer o almoço e seu companheiro disse para ela se organizar, pois dessa forma não era viável. Além disso, há a questão da exaustão, pois ela ficava muito cansada pelo tanto de pessoas que atendia num mesmo dia.

---

<sup>4</sup> Severina já é falecida, era médium e doutrinava, não tinha o ofício de benzer, mas quando alguém a procurava ela rezava devido sua experiência que possuía com o mundo espiritual.

## 2.2. A descoberta do seu “dom” e o caminho percorrido

A descoberta do seu “dom” se deu na infância, em torno dos sete anos, idade que, segundo ela, os dons se manifestam nas crianças. Lucia começou em forma de brincadeira a ler as cartas de baralho e mesmo sem entender a simbologia das cartas ela falava o que ouvia e sentia para as pessoas. Em suas palavras: “Não era nada sério, nada de fazer mesmo não. Eu fazia aquilo ali tipo uma brincadeira e no final uma brincadeira virou verdade né?” (1 de abril). Porém, foi no município de Mataraca, quando tinha aproximadamente 26 anos, que ela colocou as cartas pela primeira vez como cartomante. Ocorreu de aparecer uma mulher procurando quem lesse cartas e como Lucia estava, naquele momento, com dificuldades financeiras, foi a primeira vez que cobrou pela leitura. Depois desse dia a procura por ela não parou.

Lucia também relatou que seu aprendizado se deu de forma solitária e que ao tentar fazer seu ofício da mesma forma de outras benzedadeiras e cartomantes ela sente desconforto. Por exemplo, ela não entende como funciona a leitura das cartas a partir do conteúdo de livros, logo que para ela é mais o símbolo do que o número que fala, além de sempre mostrar-se guiada pela intuição. Ela diz:

Eu li e reli, de frente pra trás, e eu achei que não era aquilo que eu pensava que era igual o que eu via, nada vê. Só assim, o amor, a carta que eu vou te mostrar (pegou as cartas), aqui é número 18, ai a carta mostra assim, número 18 ai no livro ta dizendo, tu vai ver isso ai que to falando, tem um homem atrás de você, te vigiando, ta entendendo. Quer dizer tem um homem que é o cachorro, isso é sinal que ele ta li vigiando o cachorro ele vigia e o homem também, ta entendendo.? Ai isso aqui é o número 18, é o número 18 que vai dizer e eu num digo por número 18 eu digo aqui, olha se dê assim, tanto faz um homem ou uma mulher da sua rua li vigiando e se dê assim (de cabeça pra baixo pra quem ta lendo) ta mostrando que tem uma pessoa querendo lhe fazer mal, por de trai de você. (20 de maio)

Lucia se coloca como médium não doutrinada, onde ela tem um dom, ouve os espíritos e acredita muito no poder espiritual, apesar de não se perceber poderosa, capaz de grandes feitos, pois sabe que é uma via de Deus, mas ela fala que os problemas que chegam nela são resolvidos.

### 2.3. Sua vida, família e atividade na comunidade

A cidade de Mamanguape fica localizada à 52 quilômetros de João Pessoa, sua fundação foi em 25 de outubro de 1855, por tanto soma 164 anos. É conhecida pelos seus cidadãos como “a rainha do vale”. Mamanguape é sede da Região Metropolitana do Vale do Mamanguape e é considerada uma cidade histórica devido à sua importância na colonização da capitania da Paraíba, marcada pela exploração do Pau-Brasil e anos depois do plantio da cana-de-açúcar em seu vasto território que inicialmente compreende todo o Vale do Mamanguape.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), Mamanguape possui uma população estimada em 44.882 habitantes. Em sua maioria essa população é de católicos apostólicos romanos, mas existe uma crescente de evangélicos. Segundo o censo de 2010 os declarados sem religião foram 2.846; os evangélicos, 6.987 e os católicos 31.536.

Quando pensamos numa cartomante, nos vem o pensamento de que ela deve abrir com frequência as cartas para si, e por isso, na entrevista perguntei a Lucia se ela tinha o hábito de tirar cartas para ela mesma, ao que me respondeu afirmativamente, embora tenha revelado não gostar de fazê-lo, pois não vê apenas coisas boas. Como exemplo, relatou tomada de emoção, ter visto em sua leitura, o afogamento da própria filha ainda criança e que ela poderia vir a óbito, mas ela pensou que não aconteceria. Nessa época ainda morava no Rio de Janeiro e conta que amamentava seu filho quando uma parente veio gritando que a Maria Aparecida havia morrido afogada na pia. Ela pediu socorro e um vizinho que foi salva-vidas conseguiu reanimar a menina. Depois Lucia a levou para o hospital, contudo, como a filha já tinha alguns problemas de saúde, ficou com sequelas neurológicas que a incapacitaram de sentar-se e andar. Após esse episódio, Lucia ficou com receio de tirar as cartas para si mesma: “eu não gosto de olhar muito pra mim não, porque não vem só coisas boas não, sabe. Vem coisas muito ruim, quando amostra”. (20 de maio)

Por se considerar médium e por não querer seguir o caminho da doutrinação, devido a estranheza que sentiu em visitar alguns centros espíritas na sua adolescência, Lucia escolheu se tornar benzedeira. Mas esse ofício não exige menos dela, pessoas de todas as localidades a procuram, como ela mesma conta: “vem gente de Itapecerica, de Itapororoca, vem gente de Cuité, de Curralinho, vem gente de Mataraca, de Olho d’Água, vem gente dali de Salema, de Rio Tinto, até de Marcação”. (24 de abril)

Como já mencionado, a maior parte de sua família possui uma prática religiosa distinta e por isso são críticos ao ofício que Lucia escolheu e não fazem uso dele. São poucos os familiares que aceitam e acreditam na benzeção e na cartomancia.

É certo que hoje em dia depois de muita gente buscar os serviços de Lucia a qualquer hora e todos os dias da semana, de domingo a domingo, a cartomante e benzedeira já consegue se organizar e manter horários que não tomam todo o dia. Seu horário de atendimento normalmente acontece entre 14:00 e 17:00 horas de segunda-feira à sexta-feira. Mas nem sempre foi assim, Lucia conta que após o pai adoecer ela precisou fazer esses ajustes e algumas pessoas não à entendem, ela procura explicar: “olha não aceito porque meu pai fica bastante perturbado, as vezes nem dorme de noite fica só se escondendo, se esconde de baixo da mesa, se esconde onde tiver buraco ele se esconde com medo achando que as pessoas vieram pra matar ele”. (24 de abril)

E assim sua atividade na comunidade foi organizada, porém, vez ou outra alguém a procura fora desse horário e dependendo de onde a pessoa veio ela abre uma exceção, mas no geral quem usa seus serviços com certa frequência já sabe os horários de atendimento.

### 3. LUCIA, SUA PRÁTICA E OFÍCIO

#### 3.1 Na benzeção

*A palavra está no princípio do mundo, ou, num dizer mais radical, o mundo originou-se da palavra num instante único da ação divina. Todos os grupos sociais codificam suas normas de convivência, partindo do pressuposto de que o homem e seu mundo resultam de um enunciado criador: “Haja luz; e houve a luz (Gen. 1,4)” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 33)*

Edimilson Pereira e Núbia Gomes (2018) trabalham em seu livro o poder que a “palavra” possui, discorrendo que sempre houve homens que procuraram manifestar uma comunicação para com os deuses e buscam ser intermediários dessa comunicação. “Há na palavra um poder imanente, pois fala de si mesma enquanto fala sobre aquele que utiliza. Nisso reside o seu teor de abertura, ou seja, a palavra que serve para criar e entender o mundo revela e oculta aquilo que justamente expressa” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 34).

Porém, as mãos também são instrumento primordial na benzeção. Começamos a falar do poder da palavra porque na benzeção ela é de grande importância. Lucia diz que começou a benzer há mais de 20 anos, ofício que iniciou através da procura de uma vizinha conforme já relatado. Antes disso ela só benzia as pessoas de casa e alguns conhecidos, mas discretamente.

E foi pelo poder da palavra que seu prestígio se espalhou, pessoas de todos os cantos da cidade de Mamanguape e região circunvizinhas procuram Lucia pela fama que ela tem. Ao ser procurada para benzer, Lucia entrega a pessoa com enfermidade a Deus e invoca a sua santa de proteção, que é Nossa Senhora da Conceição.

Em meio a tantas funções do seu cotidiano, a benzedeira vê seu ofício como essencial e prazeroso, e se considera verdadeira agente da cura. Para confirmar, Luc Boltanski (1989, p. 62) apud Azevedo (2015, p. 129) diz “de um modo geral as funções da benzedeira estendem-se muito além do espaço rural e da confissão religiosa católica”.

Na entrevista também indagamos sobre quais problemas Lucia benzia, pois há benzedeiros que só conhecem algumas fórmulas de benzeção. Em suas palavras, “por incrível

que pareça eu sou tudo mesmo, espinhela caída<sup>5</sup>, peito aberto<sup>6</sup>, bebê recém-nascido com ventre caído<sup>7</sup>, espremedeira<sup>8</sup>...” (24 de maio). Essa diversidade faz com que ela seja muito procurada, pois muitas benzedadeiras não rezam espremedeira, por exemplo, então indicam a casa dela. O que ela não consegue ajudar através da benzeção por identificar que é um problema espiritual, como por exemplo, “coisa feita”, indica um centro espírita no bairro vizinho. Esse centro é conhecido como Vale Verde (Vale do Amanhecer<sup>9</sup>), onde sua tia Severina doutrinava. Vale fazer uma transcrição mais longa para ter a sua narrativa e compreender os limites da benzeção, que são assumidos por ela:

É assim, às vezes a pessoa tá com um problema e fica insistindo, por exemplo um, uma falta de ar, uma dor no pé bem forte que não sai de jeito nenhuma essa dor, pode tomar remédio e não sai e cria até ferida né. E às vezes foi coisas feita, não foi uma bactéria ali, foi coisas que fizeram mesmo e às vezes num relacionamento a pessoa também chega aqui angustiada, dizendo que o marido não quer nada, não quer mais saber da pessoa, que tá odiando a pessoa do dia pra noite, a mulher sabe, vem chega pra mim e diz: ô Lucia, aconteceu isso olha, meu marido tá assim todo estranho pro meu lado do nada. Pode ter certeza que do nada foi alguma coisa que fizeram. E aí ele se transforma num bicho, num lugar de ser um homem romântico, ele se transforma num bicho. Ele não quer ver a mulher, ele não quer mais olhar pra cara dele, ele sente nojo dela. Aí não é normal. Aí não é porque não gostou de uma hora pra outra não, aquilo ali foi feito mesmo, foi uma bruxaria feita mesmo, mais aí eu não resolvo o caso, eu faço assim, eu mando, indico. Vou indico pras pessoas, ô vai ali em tal lugar. Já ouviu falar do Vale Verde? Eu mando indico pra lá, mas lá mais é reza, mas eu indico pra lá, olha vai lá, o que eu posso indicar é umas simpatias que eu ensino, mas dá certo. Eu ensino umas simpatias pras meninas fazer, aí ela chega aqui, olha Lucia, deu certo. Tal, melhorou cem por cento, eu digo bom. E as cartas também avisam o que a pessoa deve fazer, também e o que não deve (1 de abril).

A transcrição feita acima demonstra que aquilo que é entendido por Lucia como “bruxaria”, não pode ser resolvido pela benzeção, mas precisa de outro tipo de intervenção.

<sup>5</sup> “É a “entrada” de um osso (apêndice xifoide ou espinhela) que produz vômitos, enjoos, falta de ar, cansaço”. A desnutrição parecer ser o principal fator motivador (PEREIRA; GOMES, 2018, p.137).

<sup>6</sup> De acordo com a tradição popular, é qualquer dor no peito, principalmente nos seios, que se torna mais aguda num pequeno intervalo de tempo.

<sup>7</sup> Doença causada por susto onde o neném tem diarreia (PEREIRA; GOMES, 2018, p.137)..

<sup>8</sup> Lucia nos deu a seguinte explicação para o termo nas entrevistas: “Espremedeira é o bebê que fica se espremendo, ou seja, ele fica se espremendo daqui da tripa do reto até em cima. No que ele ta se espremendo pode acontecer o que com ele, da cólica, dor no umbigo e as cólicas são terríveis, da espremedeira, porque mexe com tudo, vai daqui até a tripa do reto. Eles fazem aquele encolhimento e vai puxar tudo que tem dentro”. Pelo relato seriam as cólicas muito comuns em recém-nascidos.

<sup>9</sup> O Vale do Amanhecer é uma doutrina religiosa originada na década de 50, no Distrito Federal (DF), a partir das práticas religiosas de Neiva Chaves Zelaya, mais conhecida como Tia Neiva (ARANTES, 2014, p.232).



Ao perguntar sobre o descarte das folhas, ela diz que “ali” fica todo tipo de doença e não se deve rezar uma segunda pessoa com os mesmos ramos e que esses devem ser jogados no lixo, assim como no hospital o material usado é descartado. Lucia ainda explica: “o pião é pra rezar olhado “tendeu”, e ventre caído, essas coisas. E peito aberto só com a mão né, é rezando e medindo, e a carrapateira é pra quem tá com bolhas no corpo.” (24 de maio)

Sua casa humilde nos fez questionar se ela recebia algo pela benzedura que faz, para isto, disse que algumas pessoas querem pagar mas ela não aceita pois não é certo, porém há pessoas que a presenteiam, e embora ela veja que receber dinheiro é algo errado, entende que o presente é um agrado. Como ela fala: “Reza não se cobra não Daianne, de jeito nenhum, reza não se cobra, mas se a pessoa quer dar um agrado a pessoa, tudo bem”. (24 de maio)

Ainda trouxe que as coisas que ela benze passam para ela, deixando-a fraca, com dor de cabeça, doente, mas depois passa. O percurso de Lucia no processo de benzeção encaixa-se na descrição feita por Miwa (2014, p. 80):

Oliveira reconhece a existência de três etapas para que benzedoras sejam reconhecidas pelo público como profissionais das práticas de cura. Num primeiro momento, a benzedora, restringe a sua atuação aos familiares (filhos e sobrinhos) e volta-se para a resolução de problemas simples, como o quebrante, o mau jeito e a lombriga. Após obter resultados positivos dentro do âmbito familiar, e imbuída de maior confiança em sua capacidade de benzer, começa a falar com outras pessoas sobre suas experiências e dá-se início a segunda etapa, quando se torna conhecida e procurada pela comunidade. Na terceira etapa, o público da benzedora aumenta; por vezes, são pessoas de outras cidades que a procuram. Com o crescimento do número de procuras, há também um aumento dos tipos de problemas a serem resolvidos e é esta diversidade que induz a benzedora a aprender novas fórmulas e aprofundar seus conhecimentos.

Nas etapas citadas acima, é possível notar apenas uma diferença no percurso de Lucia: ela não divulgou seu dom, foi uma amiga que após ser benzida ficou tão maravilhada com o “dom” de Lucia que começou a divulgar seu ofício, até que não parou mais de chegar pessoas em sua casa.

Sobre a forma como reza, ela usa três ramos de folhas, de preferência folhas de pião, que ela pede para a pessoa levar porque na casa dela não há, pela impossibilidade de possuir plantas no entorno da casa devido a criação de galinhas. Ela também repete a oração três vezes e pede que o consulente volte lá por três dias seguidos. O número três representa a trindade, onde cada ramo, prece e dia é oferecido a uma pessoa da Trindade Santa. Suas orações são o Pai Nosso e a Ave Maria. Sobre isso Lucia esclarece:

Todas orações são três vezes. Às vezes é saltador, as vezes a pessoa não melhora do saltador, com três dias a gente vê q a pessoa ainda continua com aquelas bolhas aí a gente vai e vem de novo, aí é cinco dias num passa disso. Tem gente que dá dois dias já ta sarando já tem gente que dá três dias e não sarou aí eu tenho que continuar o procedimento entendeu. Aí quando ta já bem secando eu digo não precisa vim não. Porque a pele da gente é sensível, num aguenta muito sal todo dia, é três dias de sal grosso na água e a gente tem que ta rezando com o sal grosso que é pra matar a bactéria, mais tipo vai na reza e vai na água que o segredo é esse. A água com sal grosso, que a água ela elimina a bactéria, água de sal (24 de maio).

Perguntamos se há algum caso de passar dos três dias, ela informou que “saltador” (bolhas pelo corpo) quando não melhora em três dias pede para pessoa voltar mais duas vezes, pois mais do que isso não é recomendado porque a pele é sensível e a água com sal grosso pode ferir. O saltador também se reza com um ramo diferente, são folhas de carrapateiras. Ela falou que se reza até com folha de goiabeira, mas o bom é rezar com plantas medicinais, pois o pião em suas palavras “é só pra olho grande”.

Uma das perguntas feitas a Lucia foi como ela se percebe em seu trabalho prestado a comunidade e a pessoas de outras localidades, foi quando percebemos que além de exercer a benzeção e a cartomancia como ofício, Lucia acaba sendo em muitos momentos terapeuta. Como ela expressa em suas palavras:

Eu gosto muito de ajudar as pessoas que precisam né de reza, as pessoas carentes que não têm condições até de pagar um tratamento né. Sobre as dores mesmo que tem muita gente que qualquer coisinha, qualquer dorzinha no pé da unha vem se rezar, as vezes não tem nem nada, é carência de atenção, entendeu, aí eu dou atenção, falo alguma coisa e a pessoa vai toda satisfeita (1 de abril).

Também perguntamos se ela pensa em ensinar o seu ofício para alguém, porém segundo a mesma, não há ninguém da família que se interessa e se fosse ensinar precisaria ser a um homem: “não uma mulher, porque o homem da mais força pra a mulher, você tá usando a força dele e ele a minha pra isso. Aí o homem tem que ensinar a mulher”. Esse pensamento é interessante porque em muitos grupos vemos essa troca de energia masculino x feminino, para iniciar pessoas.

Lucia expôs que antes rezava todos os dias de domingo a domingo, mas seu irmão disse que isso é errado porque o sábado e o domingo ficaram para o padre e o pastor. E depois sua filha também falou que isso é bíblico, que o sábado e domingo é para descansar. Assim, como já mencionado, possui agora horários fixos de segunda a sexta. Ela comenta que:

Tem rezadeira que não sabe disso não, tu sabia disso? É tem gente que faz, eu mesma não sabia, tem rezadeira que acha que ta fazendo o certo, mas ta

fazendo errado, porque a energia vai se acabando mais, a gente vai ficando fraca na reza, porque a gente tá querendo ser mais do que Deus aí Deus não gosta disso, não se agrada aí não faz o milagre que Ele tiver de fazer pra você pra ajudar Ele não faz (24 de maio).

Lucia relata que é da vontade de sua filha, Kerolly que ela abandone a benzeção. Comenta ainda sobre um amigo de sua filha ter perguntado se ela era macumbeira. A isto, Lucia reage dizendo: “Meu filho oh, eu não sabia que reza era macumba não, macumba é uma coisa e reza é outra. Macumba é você fazer o mal ao próximo. E reza, fazer o bem eu não sabia que era macumba não.” E ainda complementa: “Que tem gente que confunde, macumba com carta, com reza, confunde demais e não tem” (24 de abril). Aqui vimos que Lucia acredita que macumba é uma coisa ruim, é fazer mal ao outro. Esse pensamento é comum em cidades pequenas.

### **3.2 Na cartomancia**

Sobre seu ofício de cartomante, Lucia conta que já possuiu vários baralhos, inclusive já usou o tarô de Marselha, sua mãe e Severina, sua tia já a presentearam também. Ela escolheu seguir usando o baralho cigano devido a preferência dos consulentes, já que fica mais “fácil” de se compreender o que está sendo lido pelo fato das imagens serem mais simples e próximas de coisas do cotidiano.

No trabalho como cartomante a procura não é diária como na benzeção, porém ainda é grande. As pessoas que a procuram, muitas vezes, segundo ela, ficam ansiosas para voltar o mais rápido possível e ela garante que sempre voltam. Mas sempre fala para seus consulentes que o certo é esperar pelo menos quinze dias, porém alguns ansiosos querendo que aconteça o que as cartas mostraram insistem e ela explica que não pode, tem que dar tempo de o destino mudar.

Em sua prática na leitura de cartas, Lucia pede para o consulente embaralhar e depois cortar ao meio. Mas observamos que antes ela própria embaralha as cartas e as corta ao meio virando metade delas de cabeça para baixo. A metade de cima das cartas ela vai abrindo uma a uma sobre a mesa de frente para o consulente, da esquerda para direita e faz duas fileiras, cada uma com cinco cartas. Ela explicou que esse número de cartas tem a ver com os dez mandamentos bíblicos.

Lucia relata que com o atual governo brasileiro a procura por leitura das cartas diminuiu muito, perguntamos quantas pessoas ela já chegou a atender num mês e sua resposta

foi surpreendente, contou que já chegou a tirar cartas para cinquenta pessoas num único mês, mas ressalta que não foi sempre e que devido a necessidade gasta todo dinheiro que pega, não conseguindo economizar. Nos dias atuais com o novo presidente ela fala que o máximo que a procuram são quinze pessoas.

Aqui quando Lucia afala do governo atual, não é devido ao conservadorismo, mas sim ao aumento do desemprego e crise financeira, pois como vimos, pessoas de diversas religiões a procuram e em sua casa no seu ofício, não há preconceitos.

Na leitura de cartas Lucia cobra o valor de quarenta reais, ela fala que esse valor é cobrado como troca do que aprendeu, diferente da benção que recebeu como dom. Em alguns momentos da entrevista Lucia conta com orgulho das pessoas importantes que a procuram como policiais e vereadores da cidade, filhos de médicos e até empresários, mas o que realmente a surpreende é quando mulheres evangélicas à procura para que tire as cartas.

Sobre a frequência com a qual as pessoas à procuram Lucia relata:

“Voltam, voltam com muita frequência, manda gente da família, eu acho que você não conhece Neguinha não, ela tem, o nome dela é Lorena mas o apelido dela é neguinha, ela tem muita gente da família que ela manda quase todo mundo, a família dela vem em peso aqui em casa passar carta” (1 de abril).

Isso mostra a fidelidade e confiança que seus “clientes” têm com a pessoa de Lucia.

Ainda sobre os preconceitos que enfrenta, Lucia fala do porquê não coloca uma placa em sua casa e tira uma licença para exercer seu ofício. Responde que pessoas próximas acusam seu ofício de macumba e para evitar atrito ela prefere não ir contra. Em suas palavras “[...] ainda tem família que critica diz que isso é macumba, as cartas, essas coisas todas, então não tem como eu fazer uma coisa que é pra mim, que eu queira pra mim mesmo, se eu fizesse pra mim, acho que o benefício ia ser grande pra mim” (1 de abril). Isso mostra o caráter da pessoa que é Lucia, sua preocupação com o outro sem esquecer seu dever como agente de cura e oráculo, e vemos nessa atitude a força de vontade e perseverança que ela possui.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse trabalho uma benzedeira e cartomante no exercício do seu ofício por mais de duas décadas. Lucia faz parte de uma família evangélica que dá pouco ou nenhum apoio à sua prática, por esta ter profundo envolvimento com a religião popular. Pudemos perceber os obstáculos que ela vivência para manter seu ofício devido as críticas que enfrenta do seu meio de convívio.

Brevemente falamos do que se trata a benzeção e como ela surgiu e discurremos sobre o caminho que as cartas de baralho fizeram antes de chegar ao país. Também elencamos essas práticas com a religiosidade popular que é tão rica no Brasil.

Com os dados levantados na pesquisa pudemos compreender as experiências pessoais, religiosas, sociais, culturais e a trajetória de vida de Lucia em sua promoção a saúde da comunidade, apresentando a prática da benzeção e da cartomancia como formas alternativas para se procurar respostas para saúde e vida. Contamos sua história apresentando sua atividade na comunidade a partir de sua prática e descrevemos seu ofício na benzeção e na cartomancia.

Consideramos que a fé de Lucia em seu ofício não lhe permite renunciar à sua prática, já que vê seu trabalho como um dom e missão. Apesar dos questionamentos da família ela resiste e se ajusta às críticas que recebe, continuando sua missão de cura através da benzeção e de oráculo pelo uso das cartas.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES M.M. O território religioso Vale do Amanhecer: um relato histórico, político e cultural. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v.8,n. 1 p. 231-251, abr/ 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29956/16538>. Acesso em 14 de março de 2020.
- AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeiras nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, v.21. n. 21, 2015, p. 119-133. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5125>. Acesso em: 14 de agosto de 2019.
- AZEVEDO, Gilson Xavier de; AZEVEDO, Janice A. Fernandes. Benzedeiras em Mircea Eliade, uma aproximação possível. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 35, set./dez. 2014, p. 54-64. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.
- BEZERRA, M. L. L. Sagradas mulheres: mistérios, rezas e bênçãos: uma história de benzeção em Caruaru – PE. **ATTENA**, Recife, 2005. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7886/1/arquivo846\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7886/1/arquivo846_1.pdf). Acesso em 16 de março de 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**: um estudo sobre a religião popular. 3 ed, EDUFU, 2007.
- CALVELL, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeiras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 359-373. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/19826>. Acesso em: 12 de março de 2020
- CAVALCANTE, Joel Martins. CHAGAS, Waldeci Ferreira. As mulheres benzedeiras: entre o sagrado, a saúde e a política. **II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais**: culturas, leituras e representações. 2007. Disponível em <https://docplayer.com.br/11178863-As-mulheres-benzedeiras-entre-o-sagrado-a-saude-e-a-politica.html>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.
- CUNHA, Lidiane Alves da. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. **Revista brasileira de Histórias das Religiões - RBHR**. Natal - RN, jan/abr. 2017. <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31436>. Acesso em: 9 de setembro de 2019
- FARINHA, Allyne Chaveiro. **Benzedeiras “renovadas”**: uma análise do fenômeno de demonização e assimilação. Anápolis 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4580905-Benzedeiras-renovadas-uma-analise-do-fenomeno-de-demonizacao-e-assimilacao.html>. Acesso em: 12 de outubro de 2019
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas benzedeiras. **Mediações**, Londrina, v. 17 n. 2, Jul./Dez. 2012, p. 126-140. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025>. Acesso em 10 de outubro de 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Censo demográfico: resultados preliminares – Mamanguape, Paraíba 2010. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/mamanguape/panorama>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1975, p. 193-213.

LIMA, Norberto de Paula. **Cartomancia: o Futuro Revelado**. São Paulo, SP: Editora Ícone, 1990.

MARIN, Raquel Cornélio. SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedadeiras. **Psicologia: Ciência e Profissão** Abr/Jun. 2017, v. 37 n°2, p. 446-460. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000200446&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000200446&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 18 de outubro de 2019.

MEDEIROS, Rafael Eduardo Gurgel de; NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme do; DINIZ, Gabriele Maria Dantas; ALCHIERI, João Carlos. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 23: 2013, p. 1339-1357. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312013000400016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312013000400016&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 10 de janeiro de 2020.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Ciências da religião: de que mesmo estamos falando. **Ciências da religião: história e sociedade**. Ano 2, n. 2, 2004, p. 15-34. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2314>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

MIWA, Marcela Jussara. Do benzimento ao reike: um estudo de caso. **Cadernos de naturologia e terapias complementares**. vol. 3, n°. 4, 2014, p. 75-84. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1711>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

MONTEIRO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1986.

MORETTI, Isabella. **Regras da ABNT para TCC**: conheça as principais normas 2020. Disponível em: <https://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>. Acesso em: 14 de março de 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014, p. 377-391. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2019

\_\_\_\_\_. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Edmilson A; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. 3 ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2018.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RIVERA, P. B. Religião na periferia social: perspectivas para o estudo da “religião popular” no pensamento de Henri Desroche e Maurice Halbwachs. In: MARQUES, Luiz Carlos Luz.

**Religiosidades Populares e multiculturalismo:** intolerâncias, diálogos, interpretações. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 167-182.

SANTA ROSA JUNIOR, Carlos Alberto Ribeiro. Cartas marcadas: multimodalidade discursiva e transitividade em baralhos de Tarô. **ATTENA** – Repositório Digital da UFPE, jan, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7673>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

TAVARES, F. R. G. TORNANDO-SE TAROLOGO: percepção racional versus percepção intuitiva entre os iniciantes no tarot no Rio de Janeiro. **NUMÉM:** revista de estudos e pesquisa da religião, 1999. Juiz de Fora, v 2. N 1, p. 97-123. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21752>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES. Renata, **Catolicismo Plural:** Dinâmicas Contemporâneas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.



**ANEXOS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezada Senhora,

Esta pesquisa é sobre uma benzedeira e cartomante, e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Daianne Melo de Santana, aluna do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dilaine Soares Sampaio.

Os objetivos do estudo são compreender as experiências pessoais, religiosas, sociais e culturais e a trajetória de vida da Lucia em sua promoção a saúde da comunidade.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a comunidade acadêmica, apresentando um estudo de caso atípico devido a entrevistada ser autodidata tanto na cartomancia quanto na benzeção.

Solicitamos a sua colaboração para essa entrevista como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Ciências das Religiões e áreas afins e/ou publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

*Lucia Cristina dos Santos*  
Assinatura do Participante da Pesquisa



Kelbrohy Santos da Silva  
Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador

(a) \_\_\_\_\_

Endereço (Setor de Trabalho): \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba  
Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 - E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)

Atenciosamente,

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Responsável

[Assinatura]  
Assinatura do Pesquisador Participante

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.